

## A TENSÃO ENTRE LIBERDADE E DETERMINISMO NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

**OLIVEIRA, Leonardo Camacho de<sup>1</sup>; ARALDI, Clademir Luís<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Filosofia; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Filosofia, clademir.araldi@gmail.com.

### 1 INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho, pretendemos tratar a tensão que existe no pensamento de Nietzsche entre a liberdade e o determinismo. Partindo da forte crítica que o filósofo realiza à noção tradicional de livre-arbítrio, sobretudo nas obras *Humano, Demasiado Humano* e *Aurora*, nas quais ele reconstrói historicamente o conceito de responsabilidade moral e conclui que o mesmo assenta-se sobre um erro, o erro do livre-arbítrio. Tal afirmação é fundamentada por meio de uma investigação fria de caráter histórico e psicológico. Posteriormente, passaremos a analisar a proposta de uma nova noção de liberdade, ligada à ordenação e espiritualização dos impulsos, presentes na interioridade humana. Por fim, apresentaremos o complexo problema da (in)compatibilidade da nova liberdade como a doutrina da vontade de poder, esta última apresentada na obra *Além do Bem e do Mal*. Quanto à esta última questão daremos especial atenção ao comentário de Walter Kaufmann, que apresenta a filosofia de Nietzsche como um monismo (da vontade de poder) dialético.

Acreditamos que este trabalho, longe de ser apenas uma reconstrução histórica, busca na filosofia de Nietzsche respostas para questões ainda sob forte debate. O problema da liberdade é hoje um dos temas mais caros ao contemporâneo debate filosófico, dividindo os debatedores entre compatibilistas e incompatibilistas. Acreditamos que o pensamento nietzschiano possui grandes contribuições para este debate, trazendo novos elementos e, quem sabe, abrindo novos caminhos.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para realização do presente estudo utilizou-se, fundamentalmente, a leitura e fichamento das seguintes obras de Nietzsche: *Humano, Demasiado Humano, Aurora, A Gaia Ciência, Além do Bem e do Mal* e *Genealogia da Moral*. Também foram abordadas obras de alguns comentadores de relevância para o tema. Além de discussões com o professor orientador e debate nas reuniões do GEN (grupo de estudos Nietzsche) da UFPEL.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao presente estudo se avançou na leitura e discussão de importantes conceitos do pensamento de Nietzsche, presentes nas obras já mencionadas. Também, buscou-se abordar um problema em especial e com maior profundidade: a questão da liberdade. Em *Além do Bem e do Mal*, o pensador alemão apresenta uma interpretação de mundo alternativa à apresentada pela ciência (ciência que é criticada, por ainda possuir pretensões de verdades absolutas), qual seja a visão do mundo como vontade de poder. Longe de se

caracterizar como uma substância a tudo subjacente, a vontade de poder é colocada como pulsão que permeia a toda e qualquer força. Com efeito, tem-se um mundo constituído de forças, as quais estão em constante luta pelo aumento de seu poder. O sujeito individual está, não apenas inserido neste embate de forças, mas é ele mesmo constituído de impulsos em busca de domínio e, conseqüentemente, em combate constante. A grande questão, central para este trabalho, é como pensar a liberdade dentro desta interpretação do mundo como vontade de poder. Além de buscar a colocação desta indagação na obra de Nietzsche, buscou-se o diálogo com notáveis comentadores, confrontando-se as respectivas respostas.

#### 4 CONCLUSÃO

Nietzsche inaugura o segundo período de sua filosofia (segundo a divisão em três períodos proposta por Löwith) com uma poderosa crítica a noção tradicional de livre-arbítrio, ao desconstruir a idéia de homem corrente á seu tempo. Para ele o homem não era um ser capaz de razão, como queria Kant, o qual podia por meio dela contrapor-se aos impulsos e, desta forma, agir racional e livremente. A razão mesma seria um impulso e a individualidade seria constituída de uma constante luta entre estes impulsos (não se deve perder de vista que está nova e revolucionária visão do homem permitiu significativos avanços na psicologia, sendo mesmo um estopim para a “descoberta” do inconsciente).

Posteriormente, no entanto, o filólogo de Röcken trará uma nova noção de liberdade, não mais ligada à uma liberdade para o agir, vez que este agir seria determinado pelos impulsos, mas uma liberdade para se lidar com os impulsos. Através de um elevado autoconhecimento o homem seria capaz de intervir nos impulsos fomentando uns e desestimulando outros, por exemplo. A forma para se alcançar isto estaria vinculada com a espiritualização da paixões. Com efeito, Nietzsche não irá propor um negar os impulsos, tal como é a proposta da tradição que ele ataca, mas um sublimar os impulsos. Walter Kaufmann, célebre comentador de Nietzsche, colocará o processo de sublimação da seguinte forma: primeiro contempla-se o homem como bárbaro que dá vazão aos seus impulsos de forma desmedida e violenta, posteriormente surge o tipo ascético, que insere no homem a figura da “má consciência”, a qual consiste na negação dos impulsos e na colocação dos mesmo como moralmente reprováveis, somente então poder-se-á proceder com a espiritualização dos impulsos, não mais os negando, mas impondo uma ordenação dos mesmos.

O problema surge quando buscamos inserir esta nova liberdade na interpretação do mundo como vontade de poder. Nietzsche inicia a obra *Além do Bem e do Mal* com uma forte crítica à mentalidade científica, pois esta se fundamenta na dogmática pretensão de alcançar uma verdade objetiva e absoluta, com isso coloca uma oposição de valores moral entre verdade e falsidade. Confrontando-se a esta epistemologia dogmática, o autor de Zaratustra vai propor a chamada epistemologia do perspectivismo, afirmando não existir fatos da realidade, mas apenas interpretações. Consciente disto, Nietzsche vai apresentar uma interpretação do mundo, partindo de sua análise genealógica da história ele constatará que subjacente a toda força há uma vontade de poder. Desta forma, o mundo seria um jogo de forças que buscam expandir-se e dominar. Kaufmann interpretará esta leitura de Nietzsche como sendo um monismo dialético, ou seja, só há vontade de poder e esta se move em uma dialética. Para tal o comentador de Freiburg vai aproximar o conceito de sublimação dos impulsos de Nietzsche com o

de *aufheben* de Hegel (este último não encontra um correspondente adequado em português. Podemos, todavia, entendê-lo como sendo o ato de simultaneamente negar, preservar e elevar). Acreditamos que, embora relevante, tal aproximação traz alguns problemas, em especial o fato de que na fenomenologia hegeliana existe uma teleologia, pois para Hegel tudo é espírito e este, por meio do *aufheben* dirige-se em direção ao espírito absoluto, que ocorre quando o espírito volta-se sobre si mesmo. O pensamento nietzschiano, por outro lado, não contempla nenhuma teleologia, pois a vontade de poder está em constante devir, sendo que nenhuma organização de forças será perene. Logo, se tudo muda, mudam também as metas, desta forma não é possível se contemplar um fim último na filosofia de Nietzsche, já que este fim teria de ser perene. Com efeito, se faz necessário buscarmos outro “motor” para o “devir” nietzschiano.

Para isto vamos recorrer ao conceito de Nietzsche de autossupressão, o qual povoa boa parte da obra do pensador alemão, mas que surge com especial força em conexão com a moral platônico-cristã. Esta moral metafísica fundamenta-se, obviamente, em uma oposição de valores. Todavia, também é característico desta moral inflar nos homens uma “vontade de verdade”, pois ao colocar a oposição: “verdadeiro” e “falso”, confere grande valor a verdade e, conseqüentemente, instiga sua busca. O curioso é que justamente ao fazer isto a moral nascida com Platão sela seu destino e decreta seu ocaso. Isto ocorre, uma vez que esta vontade de verdade levará a um questionamento do próprio valor de verdade, o qual desnudará o dogma fundamental de sua roupagem de valor absoluto e o apresentará como perspectivo e relativo. Desta forma, vemos como a moral platônico-cristã se autossuprime. A autossupressão, no entanto, não é uma característica exclusiva da moral cristã, estão sujeita a ela todas as coisas:

Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de autossupressão: assim quer a lei da vida, a lei necessária “autossuperação” que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim ouve o chamado: “patere legem, quam ipse tulisti” [sofre a lei que tu mesmo propuseste]. (NIETZSCHE, GM III 27).

Vemos, então, como o conceito de autossupressão toma contornos cosmológicos e oferece uma interessante resposta ao se colocar como o a forma pela qual o devir de Nietzsche se move. Todavia, nesta interpretação do mundo como forças que buscam aumentar seu poder e cedo ou tarde acabarão por se autossuprimirem resta pouco espaço para a liberdade, se é que ainda existe espaço algum.

## 5 REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. **Nihilismo, Criação e Aniquilamento**. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Unijuí, 2004.
- FINK, Eugen. **A Filosofia de Nietzsche**. Lisboa: Editora Presença, 1988.
- GIACÓIA, Osvaldo. A autossupressão como catástrofe da consciência moral. **Estudos Nietzsche**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 73-128, 2010.
- KAUFMANN, Walter. **Nietzsche Philosopher, Psychologist, Antichrist**. New Jersey: Princeton University Press, 1974.
- LÖWITH, Karl. **Nietzsche's philosophy of the Eternal Recurrence of the Same**. California: University of California Press, 1996.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a Auto-superação da Moral**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- TÜRCKE, Christoph. **O louco: Nietzsche e a mania da razão**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Editorial Presença, Lisboa, 1990.